

ESCOLA E FAMÍLIA COMO AGÊNCIAS DE SUBJETIVIDADES DOCENTE E O MÉTODO (AUTO) BIOGRÁFICO COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO DESSAS SUBJETIVIDADES

Eider Ferreira Santos¹

Maria de Fátima Berenice da Cruz²

84

RESUMO

O presente artigo objetiva discutir a respeito da construção da identidade docente, buscando compreender as contribuições dos espaços escolar e familiar na constituição das subjetividades do professor. Também busca demonstrar a importância e papel do método autobiográfico no âmbito da pesquisa de histórias de vida. Para tal faz-se o seguinte questionamento: em que medida o espaço escolar e familiar contribuem na constituição da identidade docente? Como o método autobiográfico contribui no entendimento das questões relativas a formação das subjetividades docente? Para responder a essas questões valeu-se da abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, realizando uma revisão da literatura especializada, tendo como fonte de pesquisa estudos sobre a formação da identidade docente, bem como a respeito do método autobiográfico.

Palavras-chave: Subjetividade. Escola. Família. Histórias de vida.

ABSTRACT

This article discusses about the construction of teacher identity , trying to understand the contributions of school and family spaces in the constitution of teacher subjectivities . It also seeks to demonstrate the importance and role of the autobiographical method under the research of life stories . For this is done the following question: to what extent the school and family space contribute to the constitution of the teaching identity? As the autobiographical method helps in understanding the issues related to training of teacher subjectivities ? To answer these questions took advantage of the qualitative approach of bibliographical , carrying out a review of the literature , and as a source of research studies on the formation of teacher identity , as well as about the autobiographical method .

Keywords: Subjectivity. School. Family. Life stories.

Considerações Iniciais

Na sociedade contemporânea há uma importante reflexão a respeito do lugar das subjetividades como meio de produção do conhecimento. Na área da educação isso tem

¹Mestrando em Crítica Cultural, Linha 2-Letramento, Identidade e Formação de Professores da Universidade do Estado da Bahia-UNEB; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas; Graduado em Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB); E-mail: neiderferreira@hotmail.com

²Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia-UFBA; Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia-UNEB; Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: fatimaberenice@terra.com.br

ganhado grandes proporções uma vez que, torna-se um meio de entender as questões que envolvem a formação da identidade do professor. É importante não apenas questionar, mas levar o profissional docente a questionar-se, incentivando-o a perguntar *quem sou eu? Como cheguei aqui? O que estou fazendo aqui?*

Através dessas reflexões será possível que o profissional compreenda que é necessário conhecer-se para, só então, conhecer e respeitar o outro. Entender que ele é constituído de uma trajetória e que, os demais sujeitos também são rodeados de agências de subjetividades e, por consequência, compreender como suas vivências subjetivas refletem nas práticas de sala de aula.

A necessidade de estudar essas questões que envolvem a subjetividade docente surgiram a partir das discussões realizadas no componente Políticas da Subjetividade da linha 2 do Mestrado em Crítica Cultural, onde surgiram oportunidades de pensar as condições de produção das subjetividades nos diversos espaços sociais, mas especialmente no contexto da vida escolar e familiar. As leituras e debates realizadas nesse período foram cruciais para o entendimento de que o professor é influenciado por diversas agências de formação de subjetividade.

Desse modo, o presente artigo objetiva promover uma discussão a respeito da construção da identidade docente, buscando compreender como os espaços escolar e familiar contribuem na constituição dessa mesma identidade, bem como o papel do método autobiográfico no entendimento dessas questões.

O presente trabalho justifica-se por apresentar uma discussão a respeito das subjetividades do profissional docente, buscando demonstrar a importância desse lugar como fonte privilegiada de conhecimento do profissional, assim como entender a importância da escola e da família na constituição do sujeito. Além disso, traz um entendimento a respeito do método autobiográfico como instrumento de investigação dessas subjetividades e que tem contribuído significativamente para o desenvolvimento de pesquisas que envolvem a formação dos profissionais docentes.

Para tal faz-se o seguinte questionamento: em que medida o espaço escolar e familiar contribuem na constituição da identidade docente? Como o método autobiográfico contribui no entendimento das questões relativas a formação das subjetividades docente?

Para responder a essas questões valeu-se da abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, realizando uma revisão da literatura especializada, tendo como fonte de pesquisa estudos sobre a formação da identidade docente, bem como a respeito do método autobiográfico como lugar de entendimento das questões relativas a formação da identidade do professor.

O mesmo trabalho está dividido em duas partes a saber: *Família e escola como lugar de formação das subjetividades e identidades docente*, onde apresenta-se uma discussão a respeito dos espaços familiar e escolar como agências de subjetividade e aprendizagens que serão levadas para vida e *O método autobiográfico como ferramenta de entendimento das subjetividades* onde apresenta-se uma problemática concernente ao método autobiográfico como ferramenta importante na realização de pesquisas que envolvem histórias de vida.

Família e escola: lugar de formação das subjetividades e identidades docente

Segundo Welchen e Oliveira (2013) os valores humanos são heranças deixadas. Esses valores são transmitidos pela família e pela escola e acompanham o ser humano sempre. Em primeiro lugar a família é o lugar privilegiado de formação dos primeiros valores tais como o senso de respeito e responsabilidade. Isso se desenvolve na medida em que a mesma família atribui responsabilidades, desafios e a realização de tarefas que estimulam o sujeito a desenvolver diversos sentimentos. A família é, pois uma mola essencial para a vida.

Assim sendo, a família torna-se fundamentalmente uma agência da formação das subjetividades e identidade, pois é através dela que o sujeito desenvolve diversas potencialidades e experiências que servirão no futuro, no desempenho da profissão escolhida. Isso, não seria diferente no que diz respeito a profissão de professor, pois afinal o profissional docente traz consigo as marcas da formação familiar. Um professor advindo de uma família que lhe proporcionou uma boa formação humana, intelectual e emocional, certamente tornar-se-á um profissional pleno em sua atividade diária.

Desde a infância a família “é, por excelência, o suporte no qual a criança se socializa e se constrói como sujeito social” (WELCHEN; OLIVEIRA, 2013). Ela é ponto de partida para o entendimento do mundo:

É importante salientarmos que o meio em que vivemos é rico em possibilidades de exploração e, por isso, devemos apresentar a realidade concreta como ponto de partida para a criança entender o seu mundo, o seu espaço, a sua história, reconhecendo a natureza como provedora de bens para a nossa sobrevivência na terra (WELCHEN; OLIVEIRA, 2013, p. 21).

Desse modo, o seio da família apresenta-se como lugar que contribui significativamente para a constituição de sujeitos críticos, políticos e reflexivos, a partir da convivência e não da mera transmissão. É a partir das primeiras experiências no seio familiar que o sujeito vivenciará situações concretas, antecipando, assim, a capacidade de superar os desafios impostos pela vida e pela profissão escolhida.

A escola também, depois da família, torna-se lugar importante na construção de valores e das subjetividades. A respeito da importância desse espaço Delory-Momberger (2008) defende que de todos os estágios da vida a escola se distingue porque

nunca no curso de sua vida o indivíduo sofre tantas transformações físicas e psíquicas- cada uma das quais representa, em graus diferentes, choques biográficos. E, nunca mais, no curso de sua vida, será exigido dele que inicie aprendizagens tão diferentes e que se aproprie de saberes tão numerosos. Enfim, enquanto primeiro espaço de socialização secundária, a escola representa um dos principais testes do mundo social e cultural de origem e do sistema de representações do qual esse indivíduo é portador. A conjunção, no tempo e no espaço da escola, das formações física, psíquica, intelectual, mas também relacional e social, faz da escola um cadinho de experiências na construção da biografia pessoal e das representações que a acompanha (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 100).

Ampliando o posicionamento apresentado acima Welchen e Oliveira (2013) defendem ser na escola que os sujeitos desenvolvem um maior senso crítico “não abstraído somente valores tradicionais idealizados como eficientes, mas uma visão ampla que possibilite escolhas que não necessariamente sejam impostas como padrão” (WELCHEN; OLIVEIRA, 2013, p.22). É nela que o sujeito:

Aprende a aprender (aprender os instrumentos da compreensão do mundo que o rodeia; envolve o compreender, conhecer e descobrir); aprender a fazer (agir sobre o meio); aprende a viver juntos (participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas); aprende a ser (desenvolver-se integralmente); espírito,

corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade (WELCHEN; OLIVEIRA, 2013, p. 22).

Podemos perceber então que a educação escolar, dando continuidade aos valores da família, contribui para o desenvolvimento da identidade do sujeito, especialmente enquanto professor. São inúmeros os valores que estão relacionados a profissão docente e que ainda na escola o sujeito que se tornará professor já começa a desenvolver. Nela aprende-se a aprender, a compreender, a saber fazer, a viver em grupo, a desenvolver as inteligências e o espírito crítico, características fundamentais para a formação de qualquer profissional, mas especialmente para a profissão de professor.

Todos esses aspectos nos fazem perceber a importância da escola na formação de subjetividades, mas ao mesmo tempo nos faz observar, por outro lado, que uma má formação escolar pode contribuir para uma subjetividade e identidade profissional ruins, caso a escola não cumpra com responsabilidade o seu papel.

A partir disso, percebemos que a identidade docente se constitui a partir das experiências profissionais, mas primeiramente por meio das experiências pessoais, seja no seio da família ou ainda enquanto escolar. A identidade do professor

se define no equilíbrio entre as características pessoais e profissionais e vai sendo constituída nas relações sociais que se estabelecem com os alunos, com as famílias, com a instituição educativa, enfim, com as pessoas com as quais convive no cotidiano e de alguma forma influenciam essa construção. Nesse processo, ao longo de sua carreira estudantil e profissional, o professor vai construindo saberes e constituindo o referencial teórico que fundamenta suas ações (SANTOS; RODRIGUES, 2010, p. 20).

Assim sendo, muito antes de se assumir as atividades de ensino, o professor já inicia a construção de sua identidade docente a partir das vivências e experiências do seio familiar e também das experiências vivenciadas enquanto aluno. Todos esses saberes adquiridos influenciarão na formação de sua identidade docente.

Nesse íntere, a constituição do ser professor está diretamente relacionada com sua história de vida, e em especial com a sua história de vida escolar:

ressaltamos que as identidades dos professores são construídas, historicamente, na sua formação escolar e não-escolar (formal e informal) porque é isto que definirá as crenças, as concepções que apresentarão sobre a profissão e sobre a

sociedade, sobre o mundo no qual vivem e convivem com os sujeitos históricos de um lugar e de um tempo histórico (SANTOS; RODRIGUES, 2010, p. 25).

Vemos, pois, que a formação subjetiva do profissional docente se dá por diversos meios, mas especialmente, através de duas importantes instituições, a família e a escola. Isso nos faz atentar para o fato de que o professor é resultado não apenas de uma história profissional, mas pessoal, a qual influencia, certamente, no seu fazer pedagógico. É mais que necessário, desse modo, investigar e problematizar essas realidades subjetivas do “ser professor”, o que se torna uma realidade através do método autobiográfico, como veremos a seguir.

O método autobiográfico como ferramenta de entendimento das subjetividades

Bueno (2002) afirma que o estudo da pessoa do professor é algo relativamente novo no âmbito da pesquisa e surge a partir da não aceitação das formas tradicionais e positivistas de pesquisar, com vistas a valorização das subjetividades. O método biográfico apresenta-se nesse íntere como uma maneira de ler a realidade do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado. Nessa abordagem podem ser utilizados dois tipos de materiais:

os materiais biográficos primários, isto é, as narrativas ou relatos autobiográficos recolhidos por um pesquisador, em geral através de entrevistas realizadas em situação face a face; e os materiais biográficos secundários, isto é, os materiais biográficos de toda espécie, tais como: correspondências, diários, narrativas diversas, documentos oficiais, fotografias, etc., cuja produção e existência não tiveram por objetivo servir a fins de pesquisa (BUENO, 2002, p. 18).

A partir dessa realidade, percebe-se o método autobiográfico como meio que explicita “toda a força da subjetividade do sujeito” (BUENO, 2002, p. 19) e que, por isso mesmo, essa forma de pesquisa tem ganhado força no âmbito educacional: “é inegável a presença e a importância cada vez mais crescente que os estudos com e sobre histórias de vida de professores vêm adquirindo” (BUENO, 2002, p. 21). Isso acontece com o interesse de dar voz aos professores e de valorizar as suas subjetividades, bem como dar direito à estes de falarem sobre si mesmos.

É preciso pensar a formação como um processo que se dá bem antes do ingresso nos cursos de profissionalização, seja na vida escolar, ou mesmo antes disso. “Dessa forma, a abordagem biográfica prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar” (BUENO, 2002, p. 22).

Para além desses aspectos, estudar estórias de vida de professores e professoras torna-se lugar de desconstrução dos estereótipos criados ao longo do tempo a respeito da profissão docente, pois como afirma Bueno (2002):

[...] a produção de relatos de história de vida escolar por parte do grupo de docentes e sua conseqüente discussão têm permitido gerar o que [...] denominam de uma “contra-memória”. Ou seja, o trabalho de pesquisa e reflexão [...] de suas histórias de vida e formação intelectual desencadeia um tipo de análise que as leva, sobretudo, “a desenvolver um processo de desconstrução das imagens e estereótipos que se formaram sobre o profissional no decorrer da história (BUENO, 2002, p.26).

Caminhando na mesma direção, Josso (2004) afirma que as histórias de vida tornam-se lugar para a compreensão da formação do profissional docente, pois todas as histórias particulares, sejam da infância, das aprendizagens, ao serem trazidas a tona “sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam nossa compreensão das coisas e da vida” (JOSSO, 2004, p. 43). Fazer o sujeito, nesse caso o professor, trazer suas experiências, acaba proporcionando o mesmo não apenas contar o que a vida lhe ensinou, mas “o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2004, p.43).

Percebe-se, desse modo, que as narrativas autobiográficas se apresentam como um importante meio de compreensão do profissional docente, especialmente do ponto de vista de sua formação. É através desse recurso que será possível fazer o inventário das experiências desse profissional, bem como as transformações de identidade sofridas ao longo da vida e da carreira no magistério.

Esse exercício acaba contribuindo para que o sujeito dialogue consigo mesmo e se permita

descobrir que as recordações referenciais podem servir, no tempo presente, para alargar e enriquecer o capital experiencial, isso porque [...] a história da nossa

formação e a compreensão dos nossos processos de formação e de conhecimento podem ser transformadas e enriquecidas (JOSSO, 2004, p.44).

Ampliando essa ideia, Josso (2004) em *As dimensões formadoras da escrita da narrativa da história de vida: da estranheza do outro a estranheza de si* afirma que a abordagem histórias de vida e formação inscreve-se na corrente das metodologias hermenêuticas de pesquisa porque buscam construir um saber intersubjetivo, trazendo à tona a interioridade dos sujeitos por meio das representações das ideias, sentimentos, emoções, dos valores e de tudo mais que o constitui.

É através dos recursos disponibilizados pelo método autobiográfico que o “não visível”, ou a interioridade torna-se conhecida. É por meio da oportunidade de levar o sujeito a narrar sobre si e por meio da exposição também de si “que a narrativa escrita fornece no próprio movimento da sua escrita de fatos tangíveis, estados de espírito, sensibilidades, pensamentos a propósito de, emoções e sentimentos, bem como atribuição de valores” (JOSSO, 2004, p. 186).

Essa realidade, contudo, só torna-se possível caso os sujeitos participantes tornem-se cúmplices da pesquisa, exteriorizando “este material invisível” e, ao mesmo tempo se distancie de si mesmo para pensa-lo, promovendo uma auto-reflexão.

É a partir dessa realidade que a narrativa escrita si torna-se lugar de testemunho da formação e da pluralidade formadora, bem como dos contextos culturais, das pertencas e das recusas, fazendo o próprio sujeito perceber o caráter heterogêneo de sua formação:

A confrontação intersubjetiva permite a tomada de consciência de que as nossas ideias, as nossas valorizações, os nossos afetos, as nossas sensibilidades, as nossas escolhas, os nossos projetos, as nossas buscas, as nossas maneiras de ser em relação conosco e com o nosso meio humano e natural são constituídos por fragmentos culturalmente heterogêneos (JOSSO, 2004, p. 189).

Nesse sentido a narrativa de si torna-se lugar importantíssimo de manifestação das subjetividades e o meio privilegiado de acesso a própria história e percurso da vida. Apenas por meio da narrativa de si é possível o sujeito apropriar-se de sua vida e ao mesmo tempo representar sua existência.

A respeito dessa questão Delory-Momberger (2008) afirma que: “jamais atingimos diretamente o vivido. Só temos acesso a ele pela mediação das histórias. Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso a nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da *escrita* de uma história” (Delory-Momberger, 2008, p. 36).

Dessa forma, somente a partir do discurso narrativo o espaço-tempo da representação biográfica ganha forma porque é por meio dela que surge os personagens de nossa vida, as decisões tomadas, os valores.

É somente a narrativa que “faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37). É por meio dessa escrita que nos inscrevemos na história e na cultura e, como consequência, nos situamos nas condições históricas dos diferentes tempos e dos lugares que pertencemos.

Assim sendo, os escritos que fazem a narrativa de vida constitui material privilegiado para se ter acesso as formas como os homens de determinadas culturas, épocas ou grupos biografam sua vida.

Considerações finais

A partir dos aspectos anteriormente apresentados observa-se o espaço familiar e escolar como lugares privilegiados na formação das subjetividades porque é por meio desses espaços que qualquer sujeito toma para si diversos valores e características que levarão por toda vida, inclusive para as profissões escolhidas. Nesse sentido, entende-se que com o professor não ocorre de forma diferente, pois o profissional docente se torna o sujeito que é no seu fazer pedagógico através das influências deixadas pelos espaços que passou antes de adquirir os conhecimentos técnicos ou profissionais através dos cursos de formação.

Nesse íntere, percebe-se a riqueza que são as histórias de vida porque lugar importante para o entendimento de como o sujeito tornou-se o que é; para compreender que todos e cada um possui uma história influenciada por múltiplas e diversificadas realidades que nos forma a cada dia e que, de certo modo, resvalam nos nossos fazeres diários, não sendo diferente como o professor.

Mediante o entendimento da riqueza que são as histórias de vida de cada sujeito, compreende-se também a importância do método autobiográfico como meio pelo qual se torna possível entender e compreender as realidades subjetivas dos diferentes sujeitos, nesse caso, as subjetividades dos professores, e como tais subjetividades influenciam na sua formação e nas suas práticas diárias de sala de aula.

REFERÊNCIAS

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Revista Pesquisa e Educação**, USP, 2002, p. 11-30.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Escola, saber e figura de si. In: **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 100-138.

_____. Modelos biográficos e escrita de si. In: **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 35-52.

JOSSO, Marie-Christine. As dimensões formadoras da escrita da narrativa da história de vida: da estranheza do outro à estranheza de si. In: **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 171-192.

_____. As experiências ao longo das quais se formam identidades e subjetividades. In: **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 37-46.

SANTOS, Sandro Prado; RODRIGUES, Fernanda Fernandes dos Santos. Formações identitárias e saberes docentes: alguns apontamentos para pensar a formação docente do ensino superior. **Cadernos da FUCAMP**, v.10, n. 12, 2010, p. 18-26.

WELCHEN Dirce; OLIVEIRA, Marineiva Moro Campos de. A formação de valores no ambiente escolar. **Revista Inoesc Ciência-ACHS**, Joaçaba, v.4, Jan/Jun, 2013, p. 19-29.

Artigo aceito em 31 jul. 2016.